

Boletim

Nº 2.036 - Ano 45 - 15 de outubro de 2018

RANKINGS EM PERSPECTIVA

Eles vieram para ficar. São cerca de 10 rankings universitários de alcance global e outros 60 de âmbito nacional. Embora contribuam para a compreensão do estado da educação e da pesquisa ao redor do mundo, essas classificações não conseguem captar certas particularidades locais, como a inserção social das instituições latino-americanas. Nesta edição, especialistas da UFMG e de outras universidades analisam o papel e o impacto dos rankings na vida acadêmica.

Páginas 4 e 5

Em tempos **OBTUSOS**, que tal passear numa **BIBLIOTECA**?

Wellington Marçal de Carvalho

“Os livros são para usar.”
(S. R. Ranganathan)

Cada vez mais tendo a acreditar que incentivar passeios, sem nenhum recorte prévio, pelos imensos corredores das nossas bibliotecas espalhadas por esse Brasil desmedido, pode, sim, render grandes surpresas.

Ainda que esse potente equipamento cultural não esteja presente em muitas localidades do país, é de se considerar o grande esforço que muitos agentes da sociedade civil têm empreendido para alterar essa fotografia e contribuir para a capilaridade da implementação desses ambientes informacionais.

Feita essa ressalva, compartilho algumas dessas “surpresas” que muito recentemente têm subsidiado, do meu ponto de vista, razoáveis observações sobre o momento atual do nosso regime político que, em parte, esforça-se por consolidar-se democrático, mesmo atropelando, não raras vezes, o caráter diverso da história e, sobretudo, valendo-se do nosso distanciamento da memória coletiva.

Nesses tempos tão bicudos, parece-me que uma boa pedida seria passear por bibliotecas!

Uma visita desinteressada por corredores de bibliotecas, quem sabe, poderia nos levar até o romance da escritora mineira Ana Maria Gonçalves, intitulado *Um defeito de cor*? Do jeito que nossos tempos estão turvos pela incapacidade, quase generalizada, de encampar diálogo de modo urbano, penso que a leitura desse romance, de mais de novecentas páginas, muito contribuiria para ponderar argumentos que insistem em preconizar a não existência de regimes escravocratas que perduraram por séculos e cujas cicatrizes formatam e ainda moldarão, por longa data, a constituição da nação brasileira.

Não me assusta pensar que um leitor poderia concluir ser tudo invencionice e, portanto, tendo exercido interpretação marcadamente paranóica, continuar a defender que “esse negócio de tráfico negreiro nunca houve...” Bom mesmo que a arte literária tenha saído exitosa, no romance de Ana Maria, e dado conta de mostrar o núcleo duro do real, por exemplo, na passagem em que nós, leitores, nos enfileiramos com a menina Kehinde, arrancada de sua terra natal, em África, junto com o que sobrou de sua família, e viajamos no porão de um navio, desprovidos de qualquer tratamento digno, em atos perpetrados por outros humanos que, por suas atitudes, duvido muito merecerem essa denominação. Vale muito, de verdade, experienciar essa viagem infeliz narrada pela voz de uma menina singular.

Animados com a descoberta, desinteressada, de *Um defeito de cor*, alguns passos à frente quiçá nos fariam esbarrar em outro romance, do escritor angolano Boaventura Cardoso, nomeado *Noites de vigília*! Pensando que isso não teria ocorrido apenas por artimanha do acaso, ao folhearmos o volume, logo saberíamos que a história dos anônimos também dera corpo à pena de Cardoso. Por motivos que poderiam denotar outro ponto de aproximação entre a recente história brasileira e a do país cuja capital é Luanda, também foi necessário amparo na literatura para colocar, na cartela de discurso, outra tonalidade mais disposta a perscrutar as memórias dos que fizeram as várias etapas das lutas de libertação de Angola do jugo

opressor do colonizador europeu, sobretudo o português. A leitura dessa obra nos aproximará da história narrada pelos não heróis aos que, sorratamente, decretou-se que fossem esquecidos – coisas estranhíssimas que, certamente, não estão nos boletins oficiais da arapuca colonizatória portuguesa.

Esse poder da literatura de flertar com o real, de propor outras feições da realidade e, ao fim, de nos convidar a pensar é, de fato, essencial para o enfrentamento dos tempos, repito, “bicudos”. Circunspecto, vejo-me distanciando-me de mim mesmo, a refletir sobre a boa fatura que um escritor de São Tomé e Príncipe, Sum Marky, ofereceu ao mundo ao lançar-se, corajosa e brilhantemente, na composição de outra faceta do que, na história recente daquela ex-colônia portuguesa, ficara conhecido como o Massacre de Batepá. Não há como não se deixar incomodar pela máquina de desumanidade fomentada pelo poder português, que não titubeou em forjar, com toda a carga de mentira, uma suposta revolta para fazer prevalecer o aparelho de morte lusitano em terras santomenses. Para grande sorte nossa, a andança pelos corredores das bibliotecas pode nos levar ao encontro de *Crônica de uma guerra inventada*. Esse romance, assim como os dois que já temos em mãos, denunciará e questionará, à exaustão, a potência de perversidade que sustentou o regime salazarista e, por conseguinte, seus tentáculos no insular espaço posteriormente trabalhado pelo escritor.

Poderia dizer que esses livros, em suas histórias, unem-se por diferentes maneiras, tantas quantas possibilitar o gesto de lê-las. Aqui, diria apenas que demonstram, com clareza incontestada, o quão ardilosas podem ser as tintas que registram os regimes erigidos no aniquilamento do humano por outros humanos. E, de outro modo, essas obras retomam esses lugares de memória para escancarar o perigo de incorrer nos mesmos erros provocados pela ganância, incapacidade de diálogo e, principalmente, pela preguiça de pensar. Como bem disse o velho e sábio curandeiro Sum Clé-Clé, personagem fundamental no romance de Marky: “[...] pensar era a coisa mais importante do mundo...”

Bibliotecário que sou, melhor me parece lembrar uma das leis exaradas por S. R. Ranganathan, pai da Biblioteconomia indiana, segundo a qual “os livros são para usar”. Talvez o “uso” de livros como os que encontramos nesse itinerário ajude-nos a desconfiar de tudo que pretende afastar o humano do humano. A literatura pode abrir nossa mente face à tentativa de sagração da violência e fazer-nos estranhar, assim como fez Sum Clé-Clé, que representantes não se cansam de justificar seus discursos coronelescos de ódio. Eles, embora afirmem, “em voz tonitruante”, que tudo o que praticam é “para o povo”, fazem-no “realmente para agradar a uma estranha trilogia: Deus, Pátria e Família” (MARKY, 1999).

É preciso resistir... e pensar!

* Bibliotecário-documentalista. Doutor em Letras/Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC Minas. Docente na Universidade Federal de Rondônia

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Como **ELAS COMEM?**

Para gerar dados de pesquisa, Fazenda Experimental do ICA começa a monitorar o comportamento alimentar de fêmeas suínas em fase de maternidade

Amanda Lelis*

A literatura científica apresenta dados gerais sobre as necessidades nutricionais de fêmeas suínas em período de maternidade, mas ainda é carente de informações específicas sobre a distribuição do consumo alimentar ao longo do dia ou sobre a interferência ambiental e climática no comportamento alimentar dos animais.

A partir deste semestre, as fêmeas da granja de suínos da Fazenda Experimental professor Hamilton de Abreu Navarro, do Instituto de Ciências Agrárias, no campus Montes Claros, passam a ser monitoradas durante 24 horas, a fim de preencher essa lacuna científica. Isso será possível porque foi instalado no espaço novo equipamento, que coleta diariamente dados de cada animal.

A granja de suínos da UFMG é a primeira da América Latina a implantar a tecnologia. De acordo com Bruno Silva, professor de nutrição e produção de suínos no ICA e coordenador da granja, a instalação dos equipamentos abre a oportunidade de desenvolvimento de novos projetos de pesquisa e possibilita a melhoria do bem-estar dos animais, com a oferta de alimentação planejada individualmente.

O sistema é um comedouro automatizado interligado a um software que armazena dados sobre a alimentação dos animais. “O que nós queremos buscar com esse sistema é entender a cinética de comportamento associada com mudanças fisiológicas e metabólicas. Se sei que a fêmea se comporta de determinada forma nessa condição ambiental, por meio de informações fornecidas pelo sistema computadorizado, consigo traçar uma estratégia de alimentação para o produtor trabalhar com esse animal na granja com mais eficiência”, explica o professor Bruno.

Na granja da Fazenda Experimental do campus, há oito celas parideiras equipadas com o sistema, todas elas com animais monitorados atualmente. A proposta é que, a partir da implementação da tecnologia, as informações de cada animal sejam registradas continuamente, a cada ciclo de produção na maternidade.

Por meio dos equipamentos, implantados com apoio da iniciativa privada, são coletados dados como o volume total de ração



Comedouro automatizado armazena dados sobre alimentação dos animais

ingerida, o tipo de ração que a fêmea comeu, os horários da alimentação e o quantitativo em gramas ingerido a cada visita ao comedouro. As informações são armazenadas em um software no computador da equipe de trabalho e geram relatórios que irão subsidiar pesquisas científicas. Os dados possibilitam atender individualmente cada animal, com base na necessidade identificada.

Raças nativas

O professor destaca que um dos diferenciais das pesquisas é a possibilidade de trabalhar com raças nativas, além daquelas já utilizadas comercialmente. No espaço, é criada uma raça nativa, a Piau. “Poderemos gerar informações para essa raça nativa, pois há pouca ou nenhuma informação em literatura sobre seu comportamento alimentar. O objetivo é levantar dados novos em conformidade com as condições ambientais de clima tropical e desenvolver estratégias nutricionais para os produtores”, enfatiza o professor Bruno Silva.

Atualmente, a maternidade já é monitorada por câmeras para pesquisas de comportamento alimentar. Os equipamentos

possibilitam ampliar os estudos. “Monitoramos as fêmeas 24 horas por dia. Pela câmera, vimos que elas comiam, mas não sabemos o seu perfil de consumo, como a correlação da hora do dia em que ela preferem comer com a velocidade de consumo ou a quantidade que comem por vez”, diz o professor do ICA.

Além do monitoramento do comportamento animal, os pesquisadores de Montes Claros também estão pesquisando estratégias nutricionais para melhorar o consumo alimentar dos animais. “Se, por exemplo, o computador me informa que a fêmea consome somente de manhã e de tarde por causa do clima, será que se modificarmos a composição da dieta para reduzir o efeito termogênico do alimento ou usarmos um aditivo palatilizante, conseguiremos mudar esse perfil?”, exemplifica o professor.

A Fazenda Experimental é órgão complementar do Instituto de Ciências Agrárias, onde são realizadas atividades de ensino, pesquisa e extensão. O espaço também propicia oportunidades de estágios aos estudantes da Universidade.

*Jornalista do Cedecom Montes Claros

RETRATOS inevitáveis (e IMPERFEITOS)

Rankings universitários globais oferecem oportunidades para reflexão sobre políticas acadêmicas, mas esbarram na dificuldade de captar especificidades locais

Ana Rita Araújo

Os rankings são uma realidade inescapável e, apesar de seus vieses conceituais e das muitas críticas, constituem-se em ferramentas que contribuem para a compreensão do estado da educação e da pesquisa ao redor do mundo. Essa visão por vezes se reflete na governança acadêmica de algumas instituições de ensino superior, que passam a considerar aspectos dessas classificações ao elaborar as próprias políticas.

Há quase dez anos, o matemático Philippe Vincke, da Universidade de Bruxelas, antecipava que os rankings se tornariam referência para a elaboração de políticas institucionais por parte das universidades. No cenário mundial, algumas dessas classificações se consolidaram e ocupam lugar de destaque – o Academic Ranking of World Universities (ARWU), da Universidade de Jiao Tong, de Xangai, o QS World University Ranking, da empresa Quacquarelli Symonds (QS), o britânico Times Higher Education (THE) e, no âmbito nacional, o Ranking Universitário Folha (RUF), que neste ano chegou à sétima edição.

De acordo com a pesquisadora Sabine Righetti, em artigo no livro *Repensar a universidade – desempenho acadêmico e comparações internacionais*, organizada pelo professor da Universidade de São Paulo (USP) Jacques Marcovitch, a literatura científica estima a existência de cerca de dez rankings universitários globais com periodicidade definida, que avaliam as universidades de todo o mundo, e outras 60 listagens nacionais que analisam o desempenho das instituições de um país. O fenômeno dos rankings universitários também tem sido objeto crescente de produções acadêmicas.

Abordagem crítica

A reitora Sandra Regina Goulart Almeida afirma que rankings proporcionam reconhecimento e visibilidade, mas ressalva que a missão da UFMG não é balizada por eles. “É imprescindível abordar os rankings em uma perspectiva crítica, avaliando, em cada caso, as escolhas da metodologia, dos indicadores e os seus impactos no resultado obtido”, pondera a reitora. “Além disso, temos outros parâmetros, próprios de uma instituição pública e gratuita, referência para o país e relevante para a sociedade, como o impacto social da atuação universitária”, acrescenta.

Nesse sentido, o diretor adjunto de Relações Internacionais da UFMG, professor Dawisson Lopes, defende a incorporação de ações de extensão aos critérios dos rankings como forma de compor um retrato mais nítido da missão social da universidade pública na América Latina. “São instituições que lidam com uma visão de país, enquanto em outros continentes há muitas extraordinariamente bem-sucedidas em produção científica, provendo tecnologia, mas que não têm esse compromisso com a construção de nação. Isso, os rankings não enxergam”, exemplifica.

Com variações em suas metodologias, cada ranking pretende captar a qualidade das instituições por meio de itens como pesquisa, ensino, empregabilidade, relação com o mercado, internacionalização, reputação e inovação. Para o professor Carlos Basílio Pinheiro, diretor de Produção Científica da Pró-reitoria de Pesquisa da UFMG, afirmar que uma universidade tem posição melhor ou pior que outra em um ranking “significa definir o que é bom e ruim, certo e errado, em função dos critérios escolhidos para a avaliação”.

“Os rankings universitários – com todas as suas falhas conceituais e metodológicas – acabam estabelecendo tanto o conceito de universidade de qualidade quanto o perfil esperado de um docente”, argumenta Basílio. “Gostando ou não dos rankings, será cada vez mais difícil ignorá-los, pois eles vieram para ficar”, complementa.

Diante dessa realidade, cabe às instituições de ensino adotar “um olhar desapaixonado, crítico e objetivo sobre esses indicadores, que podem se constituir em ferramenta útil para conhecer a si mesmas”, defende o professor Dawisson Lopes. “Depois de termos avaliado duas dezenas de rankings, decompondo fatores, entendendo seus vieses e imperfeições, acredito que eles podem ajudar a compreender o que é a UFMG pelo olhar do outro”, afirma o professor do Departamento de Ciência Política.

Para o professor Jacques Marcovitch, reitor da USP de 1997 a 2001, “as comparações internacionais se tornaram fatos sociais inescapáveis do século 21”. Na obra *Repensar a universidade*, o pesquisador delinea as atribuições de uma unidade de inteligência, que seria, nas universidades, responsável pelos indicadores, tanto para efeito de monitoramento pela própria instituição quanto para utilização nas comparações internacionais. Essa unidade, na concepção de Marcovitch, diferiria de um setor de estatísticas e de informações acadêmicas: enquanto este se dedica a colher informações, calcular indicadores e publicar periodicamente dados representativos do desempenho acadêmico, a unidade de inteligência “monitora, verifica e disponibiliza em tempo real métricas de desempenho institucional”.



Jacques Marcovitch: unidade de inteligência

Recentemente, a UFMG foi classificada entre as três melhores universidades brasileiras, em dois rankings: o internacional THE e o nacional RUF – neste, pela quinta vez consecutiva, seu ensino foi considerado o melhor do país entre as universidades públicas e privadas avaliadas.

Mesmo sem tomar os rankings internacionais como bússola para suas ações, a UFMG reconhece a importância deles no cenário internacional. Tanto que em 2011 decidiu aderir formalmente ao QS, passando a atender de modo institucional às demandas da empresa, que na época solicitava dados como citações de trabalhos, número de publicações por professor, registro de patentes nacionais e internacionais, quantidade de computadores nos campi, incluindo os de laboratórios e os de uso do corpo discente, e investimento em bibliotecas e em projetos de extensão. Atualmente, a maioria das classificações obtém dados em fontes externas, como bancos de dados de pesquisa (Scopus, Elsevier, Web of Science, Clarivate Analytics e Lattes/CNPq) e do próprio Ministério da Educação.

Segundo Carlos Basílio, a Diretoria de Produção Científica tem construído, desde 2017, um sistema de coleta de informações de CNPq, Capes, Fapemig e fundações de pesquisa que garante o mapeamento dos volumes de recursos investidos em pesquisa na UFMG. “Nossa equipe também monitora as bases de dados para apontar erros na associação de produção e citação dos docentes ativos permanentes na UFMG. Essas informações têm ajudado a refinar dados repassados aos rankings, influenciando positivamente o desempenho da Universidade nessas classificações”, explica.

Vieses

O que um país entende como missão de uma universidade pode ser muito diferente do que outra nação compreende como tal. “Isso depende de aspectos como a formação histórica do seu ensino superior, a maneira como ele é financiado e como se conecta à sociedade”, afirma a pesquisadora Sabine Righetti, em tese de doutorado defendida em 2016, na Universidade de Campinas (Unicamp). Sabine é pesquisadora do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) e do Laboratório de Estudos sobre Ensino Superior (LEES), na própria Unicamp, e coordenadora acadêmica do Ranking da Folha.

“Além do viés etnocêntrico, há também nessas classificações aspectos mercadológicos e metodológicos, para os quais devemos estar atentos”, pondera Dawisson Lopes. Em artigo na obra *Repensar a universidade*, o professor Luiz Nunes de Oliveira, do Instituto de Física de São Carlos (USP), comenta que a diversidade metodológica em que as classificações externas se apoiam decorre “da falta de compromisso [dos rankings] com o planejamento das universidades”. Ele afirma que a avaliação é uma ferramenta inserida no processo de planejamento e, portanto, não deve ser vista como um fim, e ressalta que os rankings internacionais “produzem retratos imperfeitos das universidades neles listadas porque, inevitavelmente, desrespeitam esse princípio”.

O professor Ricardo Takahashi, do Departamento de Matemática da UFMG e assessor especial da Reitora, cita algumas fragilidades metodológicas nos rankings. Uma delas é o critério de reputação, mediante consulta a empregadores e a integrantes da academia. Segundo ele, esse dado, que tem peso relevante, é suscetível a uma ação de parte das universidades e pode gerar um movimento artificial. “Há instituições que se estruturam para fazer uma espécie de marketing e subir nesse indicador”, alerta o pesquisador, que relata o recebimento de correspondência de universidades que desejam receber boas referências.

O professor Carlos Basílio Pinheiro, por sua vez, vê outro aspecto problemático do mesmo indicador: nem sempre o pesquisador indica o nome das instituições às quais estão vinculados aqueles pares que são citados em seus trabalhos. Ele lembra ainda um problema estatístico que considera relevante: o porte da instituição influencia determinados resultados. É maior a probabilidade de as grandes



Carlos Basílio: conceito de universidade e perfil esperado de um docente

universidades alcancem premiações de destaque mundiais, item importante no ranking ARWU.

Outro fator, cujo efeito exato é também difícil de estimar, é a tentativa dos rankings de ajustar o peso dos indicadores de citações e publicações, com o intuito de capturar a diversidade da produção de áreas do conhecimento. “São várias metodologias diferentes que eles adotam, para reduzir um pouco a presença de áreas como física e biologia, que tipicamente têm uma produção mais volumosa, e dar peso maior para produções de humanidades e artes”, explica Takahashi.

Em sua opinião, essa estratégia provavelmente interfere fortemente na posição das universidades brasileiras e latino-americanas nos rankings: a produção local em humanidades é muito pouco veiculada em periódicos internacionais, seja porque é escrita em português ou espanhol, seja devido à tradição de publicação de livros.

Na hierarquização promovida pelos rankings, outro aspecto deixa de ser percebido pelo grande público: a diferença de pontuação entre as instituições é quase sempre muito pequena. Carlos Basílio exemplifica com dados do RUF 2018, em que não existem diferenças relevantes na nota final: a pontuação da USP (1ª colocada) é 97,42, e a da UFRGS (5ª) é 95,86.

Modelo padronizado

O modelo de universidade que os rankings delineiam tem características padronizadas, independentemente de sua localização geográfica. Assim, a universidade de qualidade do futuro deveria ter perfil multidisciplinar, missão transnacional e educação em perspectiva global, isto é, com alunos de diversos países, pesquisa complexa, tecnológica, intensa, com forte cooperação internacional e avanço em padrão mundial

Carlos Basílio Pinheiro, que é professor do Departamento de Física, destaca que critérios como “missão transnacional” e “educação em perspectiva global” esbarram no papel institucional das universidades públicas e gratuitas brasileiras, cujo foco prioritário – diferentemente de universidades do exterior – não é atrair alunos estrangeiros, mas atender às necessidades da sociedade que as financia.

Contudo, o professor destaca que o bom posicionamento nas classificações nacionais e internacionais é desejável porque, nesse cenário de competição globalizado, “não basta que uma universidade seja boa, ela precisa ser percebida como boa”. Desse modo, explica, cria-se um fluxo natural de atração de melhores docentes e estudantes que, por sua vez, desenvolverão projetos melhores e mais desafiadores, conferindo, assim, mais visibilidade, reconhecimento e recursos à instituição.

Em sua tese de doutorado, Sabine Righetti cita o conceito de “nova universidade”, na qual a pesquisa intensiva teria um papel cada vez mais proeminente, responsável por fazer surgir uma “competição por alunos, docentes e recursos em escala global”.

CRU, cozido e REPARTIDO

Professor Mauro Rodrigues e ex-alunos da Escola de Música transformam afinidade artística em disco

João Paulo Alves

Quatorze anos de história e afinidade musical acabam de ser sintetizados em um disco: *Cru, cozido e repartido*. O primeiro álbum de Mauro Rodrigues, professor da Escola de Música, conta com a participação do Musicosferas, grupo de músicos egressos da UFMG, formado por Rafael Martini (piano), Pedro “Trigo” Santana (contrabaixo) e Antônio Loureiro (bateria/percussão). O álbum foi lançado na semana passada em show no Conservatório UFMG.

A história do álbum, de acordo com Rodrigues, começou em 2004, quando os três artistas do Musicosferas ainda eram seus alunos na Escola de Música da UFMG. “Mesmo depois de todos esses anos, sempre mantivemos contato, apesar de não estarmos mais tocando juntos”, relata o professor. A iniciativa de reunir os ex-alunos e o professor para gravar o álbum partiu de Pedro Santana.

O nome do disco surgiu durante a preparação para o 50º Festival de Inverno da UFMG, do qual Mauro Rodrigues foi diretor artístico. “Em uma das reuniões, em que debatíamos o tema do Festival, sugeri *Cru, cozido e repartido*. Brincaram comigo dizendo que parecia nome de disco. Fiquei

com aquilo na cabeça e, mais tarde, percebi que realmente tinha tudo a ver com música e processo criativo”, afirma.

Da criação à partilha

O professor explica que a dimensão do “cru” manifesta o exato momento do impulso criador, ou seja, o levante da criatividade. “Cozido” remete ao calor da interação dos músicos proporcionado pelo ato de tocar, e “Repartido” está relacionado ao momento auge, no qual artistas e público fruem a canção no mesmo espaço.

O disco foi gravado em dezembro do ano passado, e quatro apresentações prévias foram realizadas. “Após essa preparação, ficamos durante uma semana em um sítio, apenas tocando e gravando. Essa imersão potencializou o processo criativo e proporcionou um ambiente fluído para a música”, explica o professor.



Mauro Rodrigues (flauta) com integrantes do Musicosferas

Luis Eyo

O álbum conta com dez composições de Mauro Rodrigues e adaptações para flauta de duas peças de Johann Sebastian Bach. O professor salienta que a oportunidade, além de registrar um longo trabalho, propicia o que há de mais prazeroso: tocar. “O disco é uma porta para futuros convites e trabalhos, mas o que a gente quer mesmo é tocar juntos”, finaliza.

[Matéria publicada no Portal UFMG em 9/10/2018]

NINA e o PRÍNCIPE

Nova coleção da Editora UFMG informa sobre animais e aborda cotidiano das crianças

Cláudia Amorim

Nos livros da série Bicho Sapiens, nova coleção do selo Estraladabão, da Editora UFMG, as crianças vão aprender conteúdos relacionados a animais e aspectos do cotidiano. Os dois primeiros volumes da coleção, *Nas asas de Nina* e *O príncipe girino*, foram lançados na semana passada.

As obras têm como autores os professores Rochel Montero Lago, do Departamento de Química do ICEx, e Fabíola de Oliveira Paes Leme, do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária da Escola de Veterinária.

Destinados à faixa etária de quatro a 12 anos, os livros reúnem histórias curtas, lições de vida e de biologia, ilustrações produzidas por crianças, caixas técnicas sobre o bicho protagonista, além de atividades lúdicas para assimilar o aprendizado. A ideia é que as obras sejam também utilizadas nas salas de aula para auxiliar os professores.

Segundo Fabíola, as histórias revelam aspectos da biologia dos animais, ao mesmo tempo que abordam desafios do cotidiano da criança. “Exploramos, de forma lúdica, temas difíceis da infância, como o medo, a ansiedade, as expectativas de mudar o outro, a aceitação e a autoimagem, a fim de estimular as ‘habilidades de vida’ dos leitores”, explica.

Ao fim de cada história, há uma “caixa técnica” com informações sobre a biologia e curiosidades sobre a espécie do animal protagonista, além de atividades como caça-palavras, cruzadinha, liga-pontos, dobraduras e desenhos para colorir. “Cadernos de atividades e outros materiais on-line favorecem a fixação do conteúdo e a apropriação do conhecimento, estimulando o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico da criança”, comenta a autora.

Primeiras publicações

Nas asas de Nina apresenta o processo da metamorfose das borboletas. As ilustrações que compõem o livro foram feitas por Tomás Montero, filho do professor Rochel, quando tinha apenas cinco anos.

O príncipe girino aborda a transformação dos sapos ao longo da vida, por meio da história do sapo, do girino e da fadinha Cacati. As ilustrações são de Catarina Montero, também filha de Rochel Lago. Ela tinha cinco anos quando fez os desenhos.

Os livros podem ser adquiridos no site da Editora UFMG (<https://www.editoraufmg.com.br/#/pages/obras/colecao?id=32>).

[Matéria publicada no Portal UFMG em 5/10/2018]



ILUSTRAÇÃO CIENTÍFICA

A Biblioteca Central, no campus Pampulha, abriga, até 29 de novembro, a exposição de ilustrações de espécies de fauna e flora brasileiras produzidas por alunos do curso de extensão em Aquarela Botânica.

O curso é ofertado pelo ICB e visa capacitar o aluno a produzir ilustrações científicas à base de aquarela, grafite e nanquim. A mostra reúne trabalhos de 15 expositores orientados pelo professor Marcus Antônio Ferreira.

Ferreira explica que o trabalho é feito por meio da observação minuciosa e aprofundada das espécies estudadas e alcança um nível de detalhamento maior do que aquele obtido por meio de fotografias. Produzidas ao longo do curso, as representações iconográficas da flora são utilizadas por pesquisadores da área em publicações científicas e estudos acadêmicos e auxiliam na documentação de espécies em extinção. A mostra ocupa o saguão da Biblioteca Central e pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 22h.

BIBLIOTECA 24 HORAS

A Face comemorou, no último dia 8, 10 anos do projeto Biblioteca 24 horas, que instaurou o funcionamento ininterrupto do espaço para estudos, consulta ao acervo e autoatendimento de empréstimo. A unidade é uma das poucas, no país, a funcionar nesse regime.

Esse modelo foi idealizado na gestão do então diretor Clélio Campolina, que se inspirou no padrão das bibliotecas europeias. No regime 24 horas, a unidade fica aberta de segunda a quinta-feira, das 22h às 7h30, e de sexta, às 22h, até às 7h30 de segunda-feira, e o acesso se dá por meio de portaria específica. Os únicos dias do ano em que a biblioteca não abre são os feriados de Sexta-Feira da Paixão, Natal e Ano Novo.

Cerca de duas mil pessoas frequentam mensalmente a biblioteca da Face no regime 24 horas. A procura é maior nos fins de semestre ou em épocas de concursos, quando atrai público externo. O regulamento da biblioteca 24 horas está disponível em <https://bit.ly/2Ps7eLV>.

OUTUBRO ROSA

A Escola de Enfermagem está promovendo neste mês, conhecido como Outubro Rosa, atividades de prevenção do câncer de mama. No dia 23, a Liga Acadêmica Integrada de Cuidados às Crianças, Adolescentes e Mulheres (Laiccam) realiza, no campus Saúde, a *Blitz da saúde*, que visa repassar orientações e informações sobre hábitos saudáveis de prevenção contra o câncer e outras doenças, sobre a necessidade de conhecer o próprio corpo e a importância da técnica *breast awareness* (conscientização das mamas), que propicia a observação e detecção de possíveis alterações. Durante a atividade, os participantes também poderão aferir peso, altura e pressão arterial.

A campanha começou em 10 de outubro, o Dia D. Na oportunidade, alunos, servidores e outros frequentadores da Escola de Enfermagem usaram uma peça de roupa rosa em sinal de adesão à causa.

MOBILIDADE URBANA

Experiências e intervenções relacionadas à mobilidade metropolitana serão abordadas, nos dias 9 e 10 de novembro, em evento na Escola de Arquitetura, em atividades simultâneas, incluindo apresentações de trabalhos, oficinas, palestras, debates, exposições e intervenções artísticas, selecionadas por edital.

O objetivo é reunir movimentos sociais, coletivos metropolitanos, pesquisadores, estudantes, técnicos, gestores públicos e demais interessados no tema da mobilidade, entendida como condição imprescindível para o acesso pleno à vida cotidiana da região metropolitana, à participação cidadã e ao direito à cidade. A programação do Fórum de Desenvolvimento Metropolitano RMBH: Mobilidade Urbana está disponível na internet (<https://bit.ly/2xXVY2g>).

30 HORAS

Até 31 de outubro, servidores técnico-administrativos, estudantes e professores poderão responder a questionário de avaliação da experiência com a jornada de 30 horas semanais para os técnico-administrativos da UFMG. Projeto piloto é realizado em setores da Universidade que atendem ao público também no período noturno.

O questionário, que pode ser acessado em <https://questionarios.ufmg.br/30horas>, foi elaborado de forma a colher as impressões da comunidade universitária sobre a contribuição da medida para o acesso aos serviços. Relatório com base nos resultados da consulta será enviado ao Conselho Universitário, que deliberará sobre a adoção ou não da jornada especial em caráter permanente.

DIREITO E LITERATURA

De 30 de outubro a 2 de novembro, participantes da sétima edição do Colóquio Internacional de Direito e Literatura farão uma análise das memórias, promessas e impasses que fazem parte da história do constitucionalismo brasileiro, com ênfase no período do constitucionalismo democrático. A abordagem terá a literatura como fio condutor. Tanto os seus pressupostos teóricos quanto as narrativas ficcionais inspiradas pela Constituição servirão de base para o estudo.

Com a temática *Narrativas e desafios de uma constituição balzaquiana*, em homenagem aos 30 anos da promulgação da Constituição de 1988, o Colóquio recebe inscrições até 20 de outubro. O evento, que será realizado no campus Pampulha, abrange diversos campos das ciências humanas. A programação está disponível na página do evento (<http://rdl.org.br/cidil/programacao/>).

POETA do BARROCO

Affonso Ávila, que estaria completando 90 anos, será celebrado em jornada e exposição que vão abordar sua obra e sua atuação pública

Itamar Rigueira Jr.

Em 1963, o poeta, pesquisador, ensaísta e jornalista Affonso Ávila (1928-2012) organizou, em conjunto com a UFMG, a Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, que reuniu em Belo Horizonte, além de poetas mineiros, nomes como os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Roberto Pontual e Paulo Leminski. A iniciativa é uma das mais emblemáticas da profícua parceria do poeta com a Universidade e será lembrada durante a Jornada Affonso Ávila – 90 anos, que o Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, com apoio da Faculdade de Letras (Fale), vai realizar no dia 24 de outubro, no campus Pampulha. A celebração do aniversário de nascimento inclui ainda exposição sobre a vida e a obra de Ávila e concursos de fotografia e apresentação de poemas.

O objetivo é chamar a atenção para o legado de Affonso Ávila, reconhecendo seu lugar na cultura brasileira, diz Kaio Carmona, que tem o poeta como objeto de seus estudos de pós-doutorado na UFMG. “Ele é uma das vozes que merecem mais atenção por parte da crítica e dos estudos acadêmicos. Queremos também convidar leitores a conhecer melhor sua obra”, afirma o pesquisador, que organiza o evento ao lado da professora Myriam Ávila, filha do homenageado, e do professor Rômulo Monte Alto, ambos da Fale.

Wander Melo Miranda e Eneida Maria de Souza, docentes aposentados da UFMG, e a historiadora Cristina Ávila, outra filha de Affonso, vão integrar a primeira mesa do evento, para abordar a obra de Ávila sob o viés de sua participação na vida pública e cultural do país. No segundo encontro, Kaio Carmona vai se juntar a Carolina Tomasi e

Rafael Lovisi Prado para lançar olhar mais detido sobre a poesia de Affonso Ávila, com foco na atualização de sua fortuna crítica.

Plasticidade na folha em branco

Wander Melo Miranda ressalta que poucas pessoas estudaram tão bem o Barroco. “Para seu encontro com os concretistas, Ávila levou sua experiência com esse estilo artístico. Ele incorporou essa tradição à poesia visual e retomou a plasticidade do Barroco no espaço da folha em branco”, afirma Wander, lembrando que uma das parcerias mais marcantes de Affonso Ávila com a UFMG foi a publicação da Revista Barroco.

Kaio Carmona destaca a capacidade de Ávila, tanto em seus estudos críticos quanto em sua poesia, de fazer dialogar a tradição e a vanguarda. “Em um trabalho intenso e transformador, ele promoveu constante experimentação linguística. Seu leitor percebe um poeta atento às mudanças sociais, históricas e culturais”, afirma. Ainda de acordo com Carmona, toda a obra de Affonso Ávila revela “um projeto bem pensado” e seu apreço pela “criação crítica”. “Sua produção suscita interesse de áreas diversas, além das letras, como a história e a arquitetura”, completa o pesquisador, citando obras como *O açude e Sonetos da descoberta*, *Código de Minas*, *Poeta poente* e *Égloga da maçã*. Em 1991, Ávila ganhou o Premio Jabuti com *O visto e o imaginado*; em 2007, com *Cantigas do falso Alfonso el Sabio*.

O Acervo de Escritores Mineiros abriga a biblioteca, documentos, cartas, fotografias e objetos de Affonso e sua mulher, a também poeta Laís Corrêa de Araújo. O artista e pesquisador também colecionou obras raras relativas ao período colonial brasileiro, que



Affonso Ávila: criação crítica

foram incorporadas ao acervo do Campus Cultural da UFMG em Tiradentes.

Concursos e exposição

Com acesso aberto ao público, a programação do dia 24 será no Auditório Bicalho, da Fafich, das 9h às 16h30. Após a segunda mesa, haverá a apresentação oral dos poemas e serão exibidas as fotografias vencedoras. Os concursos aceitam inscrições pelo e-mail concursoaffonsoavila@gmail.com, até 19 e 20 de outubro, respectivamente, e o edital está em <https://bit.ly/2OKvz2q>.

A exposição que integra a Jornada Affonso Ávila – 90 anos será inaugurada no dia 17 de outubro, às 18h30, e permanecerá até 14 de novembro, no Centro de Memória da Fale, que fica no segundo andar do prédio da unidade. Serão exibidos poemas, livros, fotografias e vídeos.